

EDUCAÇÃO ESCOLAR KAINGANG E PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Coordenador: NAIR IRACEMA SILVEIRA DOS SANTOS

Autor: Gabriela Farias Maestri

Os povos indígenas, num esforço diário por fortalecer o seu modo de vida particular, de forma geral, vêm apropriando-se e resignificando alguns elementos da cultura envolvente. Buscam, acima de tudo, a autonomia necessária para não serem dublados por alguns mediadores não-indígenas e falar em seu próprio nome, fazendo-se presente nas várias instâncias que lhes dizem respeito na sociedade envolvente. A criação de escolas diferenciadas nas aldeias, em que os professores são membros da comunidade, que passarão aos jovens os ensinamentos mais antigos de sua cultura, juntamente com os conhecimentos da sociedade envolvente, entre eles a escrita e a leitura. Em contraposição a um passado, quando indivíduos da sociedade não-indígena eram responsáveis pela "educação", atualmente vê-se os próprios indígenas encarregados de suas escolas e, por isso, o envio de alguns integrantes das aldeias para as universidades. Essas são algumas das medidas que estão sendo tomadas para o domínio, por parte de algumas etnias, dos códigos culturais da cultura ocidental, o que lhes possibilitarão uma defesa mais efetiva de seu modo de vida. Os povos indígenas, desde momento do contato com os povos europeus, foram caracterizados pela construção de uma matriz identitária marcada pela falta. A criação de materiais didáticos para as escolas nas aldeias Kaingang do Rio Grande do Sul para a alfabetização dos mais jovens é um bom exemplo desse movimento de autonomização desses povos, ao mesmo tempo em que congrega aliados em suas lutas diárias. Sendo um projeto desenvolvido em parceria entre o Conexões de Saberes e o Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais - NIT, ambos da UFRGS, veio suprimir uma das demandas dessas comunidades que, através do contato com universidade, vêm realizando reuniões entre as lideranças de suas aldeias e, devido ao esforço dos professores bilíngües Kaingang, vêm passando para o papel as "histórias verdadeiras" de sua tradição. As comunidades que integram esse projeto são: Lomba do Pinheiro, Morro do Osso, Lageado, Estrela e São Leopoldo. Esse material escrito que está sendo elaborado pelas e nas aldeias e que comporá o livro será dividido em duas partes: uma destinada a escrita que abarque as histórias centrais da cosmologia Kaingang, onde as contribuições virão de todas as aldeias. Já, uma segunda parte, deve ser destinada às escritas específicas de cada aldeia. Aí serão escritas as histórias da conquista da

terra, histórias do tempo dos antepassados naquele espaço ou qualquer outro tema que venha a ser demandado pela comunidade. Dividimos as nossas atividades por aldeia, estando, inicialmente, nós, bolsistas do Conexões de Saberes, responsáveis por recolher as histórias da Aldeia do Morro do Osso e Lomba do Pinheiro. Inicialmente, a nossa metodologia era a seguinte: as lideranças dessa comunidade ficariam responsáveis por gravarem, através de um gravador, essas histórias, que seriam, posteriormente, transcritas para o Kaingang por um professor bilíngüe. Todavia, optamos, através de uma mudança de estratégia, por transcrevermos diretamente, diminuindo uma etapa desse processo. Para cada história escrita, seria recolhida também uma ilustração, feito estudantes da escola da aldeia, ou pelo próprio contador. Assim, terminada a etapa dessa aldeia, passaríamos para a próxima. Estamos dando início, nesse momento, às atividades com a Aldeia da Lomba do Pinheiro, com o auxílio do professor bilíngüe. Para a realização desse trabalho fazemos visitas semanais às aldeias. Como forma de recolher as histórias para a primeira parte do livro, temos por idéia fazer um encontro mensal ou bimensal com as lideranças de todas as comunidades que, através de uma apresentação do processo de andamento das tarefas, eles discutiriam sobre a importância do material didático nesse momento para a sua cultura, bem como dialogariam sobre as "histórias verdadeiras" de sua cosmologia. Procuramos fazer, através dos encontros semanais com as aldeias, uma reflexão sobre o esforço de identidade. De um primeiro momento quando o tom essencialista das identidades acabava incorrendo em intolerância e guetização, mitificação e criação de imaginários ao redor do grupo, cristalizando e imobilizando no tempo/espaço os elementos que o constituem, limitando a imagem dos primeiros habitantes desse continente a um "índio" do passado, passa-se, agora, para um segundo momento, quando esse movimento de afirmação da diversidade se dá pela abertura desses povos para fora de si, num processo contínuo e necessariamente incompleto de identificação. De fato, não são poucas as pessoas "brancas" que acreditam não mais existirem indígenas. Para estas, os "passivos índios" foram completamente exterminados, sendo os remanescentes apenas descendentes "aculturados" e "miscigenados" daqueles verdadeiros índios do passado, vencendo, dessa forma, a superioridade da força dos brancos. Como uma forma de apropriação e resignificação da escrita, tão cara a nossa sociedade, mas recente para a sua, os Kaingang utilizam este instrumento, entre outros, para evidenciar a sua diversidade e legitimar as suas demandas, sejam por terra, sejam por espaços nas instâncias do Estado brasileiro, na defesa constante de seu modo de vida diferenciado. Nesse sentido, para uma etnia de tradição na oralidade, em contraponto ao peso que há, para a nossa cultura, a escrita, este elemento será também fio condutor da identidade. Em comparação à

rigidez da escrita, a oralidade é uma forma muito mais maleável de identificação e transmissão das histórias e da cosmologia, constantemente resignificadas para abarcar novos elementos. Numa palestra realizada na Faculdade de Educação da UFRGS, Zaqueu, professor bilíngüe Kaingang, ao ser questionado por uma aluna ali presente do porquê os indígenas estarem utilizando roupas e celulares, por exemplo, responde brilhantemente "Eu posso fazer o que você faz e não ser como você", colocando em xeque a construção de identidades centradas no imobilismo e no estancamento da variabilidade, assim como a persistência de imaginários em torno dos povos indígenas, para não esquecer da apropriação de elementos inicialmente de outras culturas que contribuirão para a formação dinâmica e contínua da identidade. Essas identificações permitirão a elaboração de representações próprias a cada cultura. Serão essas representações que guiarão os olhares e a forma como as pessoas compreenderão a si, aos outros e ao mundo que os permeia. Francisco Rókã, vice-cacique da Aldeia do Morro do Osso irá afirmar, ao referir-se à importância do Morro para os "índios", que: Se eu vejo a madeira morrendo eu fico triste... Aqui nós queremos mostrar pra nossos filhos que essas madeiras grossas, a gente abraça a madeira assim ó (abraçando um grosso tronco de uma árvore) porque ela é minha irmã, ela é meu irmão, essa madeira. Porque ele é do mato e eu também sou do mato por isso eu não gosto que destrói essas madeiras. Eu também sou do mato, e ela se criou no mato, e eu também me criei no mato, e eu não quero derruba essas madeiras... Mas se eu deixar, quando é amanhã ou depois vão derrubar essa madeira bonita aqui, e eu não vou poder mais abraçar o meu irmão madeira. Apostamos na formação de identidades como processo dinâmico e contínuo de identificação que, enquanto elementar na construção de uma pessoa, é ponto importante na forma como vemos a nós, nosso iguais e o que nos cerca.